

ARTES VISUAIS E DESIGN GRÁFICO:

FERRAMENTAS POTENTES
PARA O EMPODERAMENTO
FEMININO E O COMBATE
À VIOLENCIA DOMÉSTICA.



SABRINA S. DE SOUZA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES –ILA
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
SABRINA SOUZA

**ARTES VISUAIS E DESIGN GRÁFICO: FERRAMENTAS POTENTES PARA O
EMPODERAMENTO FEMININO E O COMBATE À VIOLENCIA DOMÉSTICA.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fabiane Pianowski

RIO GRANDE, RS - 2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES –ILA
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA**

SABRINA SOUZA

**ARTES VISUAIS E DESIGN GRÁFICO: FERRAMENTAS POTENTES PARA O
EMPODERAMENTO FEMININO E O COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal do Rio Grande -
FURG, como requisito parcial para obtenção
de título de graduação em Licenciatura em
Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fabiane Pianowski

RIO GRANDE, RS - 2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a minha família, que é a base da minha vida, e que sempre esteve presente me apoiando e me fazendo seguir em frente, mesmo nos momentos mais difíceis.

A minha mãe Ângela, por sempre me incentivar, e por me ensinar valores para a vida como: respeito, honestidade e empatia. Aos meus irmãos, Elizabeth e Alex Sander, obrigado por estarem sempre presentes na minha vida, mesmo em casas separadas somos exemplo de união.

Agradeço ao meu companheiro de vida, Jerri, que sempre esteve ao meu lado e não mediu esforços para ajudar a realização desse sonho. Teu carinho e amor foram imprescindíveis para que esse trabalho fosse possível.

A meu filho, Felipe, minha razão de viver, obrigada pelo amor incondicional, que sempre me motiva nos momentos mais difíceis. Que meu exemplo sirva de motivação para que você lute sempre por seus sonhos, pois só a persistência e dedicação são capazes de nos levar aos objetivos.

A minha cachorrinha Cacau, que nos dois anos de ensino remoto, me fez companhia assistindo as aulas deitada meu lado.

Gratidão aos meus colegas de curso, vou levar para a vida cada um de vocês, em especial as minhas colegas Cleci, Renata e Kennah, que faziam as aulas ficarem mais leves e divertidas, companheiras de um bom café com leite e risoles no intervalo.

Agradeço a minha orientadora, professora Fabiane Pianowski, que também foi a primeira pessoa na FURG a me incentivar na retomada dos estudos. Gratidão pela dedicação, competência e incentivo, a maneira como tudo fluiu tornou o trabalho prazeroso, possibilitando a realização e conclusão de mais essa etapa na minha vida. Gratidão aos meus colegas de trabalho na Diretoria de Arte e Cultura – DAC, obrigado pelo apoio e compreensão, colaborando sempre para que eu desse continuidade no meu processo de graduação.

Agradeço a Universidade Federal de Rio Grande - FURG, uma universidade pública e de qualidade, que contribuiu muito para o meu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal. Ao curso de Artes Visuais, a todos os professores que foram essenciais no meu processo de formação, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

A todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, é sobretudo um registro de parte das minhas inquietações em unir arte/educação e o design gráfico a favor do combate a violência doméstica. Assunto que despertou interesse a partir das minhas experiências de vida e por estar ciente da importância de se abordar esse tema nos dias atuais. Deste modo, o texto revela dados referentes as violências sofridas pelas mulheres, não só a violência física, mas todas as outras formas em que ela se apresenta. Busca-se através de uma pesquisa bibliográfica, fazer um resgate referente ao percurso histórico da profissão de design, dando protagonismo para as contribuições e produções femininas em especial aquelas que trazem esse tema em suas poéticas. Como produto dessas reflexões apresento a cartilha educativa sobre à violência doméstica, pensada e construída a partir das necessidades apontadas na investigação sobre o tema.

Palavras-chave: Violência doméstica. Design. Ativismo. Arte/Educação. Cartilha Educativa.

RESUMEN

Esta tesina de conclusión de grado es un registro de parte de mi inquietud por unir arte/educación y diseño gráfico a favor de la lucha contra la violencia doméstica. Un tema que ha despertado mi interés por mis experiencias vitales y por ser consciente de la importancia de abordar esta cuestión en la actualidad. De este modo, el texto revela datos referidos a la violencia sufrida por las mujeres, no sólo la física, sino todas las demás formas en que se presenta. A través de una investigación bibliográfica, buscamos rescatar el recorrido histórico de la profesión de diseñador, dando protagonismo a los aportes y producciones femeninas, especialmente a las que traen esta cuestión en su poética. Como producto de estas reflexiones presento el folleto educativo sobre la violencia doméstica, pensado y construido a partir de las necesidades señaladas en la investigación sobre el tema.

Palabras clave: Violencia doméstica. Diseño. El activismo. Arte/Educación. Cartilla educativa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Grafite sobre papel.....	12
Figura 02	Gravações para a produção do vídeo	14
Figura 03	Fotografia Exposição.....	15
Figura 04	Card digital contra a violência	16
Figura 05	Mulheres da Bauhaus	25
Figura 06	Foto em grupo da sala de aula de tecelagem de Gunta Stölzl.....	25
Figura 07	Getúlio Vargas mostra a mão suja de petróleo da refinaria de Mataripe	26
Figura 08	Consciência do mundo da arte, Guerrilla Girls	30
Figura 09	Colagem digital para a revista <i>Design Quarterly</i> , n.133.....	32
Figura 10	Capa da revista <i>WET</i>	33
Figura 11	Untitled (Your body is a battleground)	34
Figura 12	Untitled (I shop therefore I am).....	35
Figura 13	Imagen do Billboard (outdoor).....	36
Figura 14	Seleção de designs de capa de Ellen Lupton	37
Figura 15	Um dos primeiros trabalhos para a capa para a revista “Senhor” ...	38
Figura 16	Capa para a revista Bazaar, Bea Feitler	39
Figura 17	Capa para a revista <i>Ms</i>	40
Figura 18	Capa para a revista <i>RollingStone</i>	41
Figura 19	Projeto “Cursos e Oficinas	42
Figura 20	Trabalhos desenvolvidos por Tereza Bettinardi.....	43
Figura 21	Capa cartilha.....	47
Figura 22	Etapas para o desenvolvimento do material educativo	48
Figura 23	Página 7 da cartilha.....	51
Figura 24	Emblema das sufragistas de 1908	52
Figura 25	Pôster Votos para mulheres	53
Figura 26	Emblema do feminismo por volta de 1970	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 Indicadores da Violência, 2021	21
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. A CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO.....	11
2. DAS VIOLÊNCIAS QUE ATRAVESSAM O VIVER FEMININO	18
3. CONTEXTO HISTÓRICO DO DESIGN GRÁFICO	24
3.1 REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO DESIGN GRÁFICO	29
4. CARTILHA SOBRE OS DIREITOS DAS MULHERES E COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é uma tentativa de unir os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação em Artes Visuais - Licenciatura, e as experiências que os anos como designer gráfica me proporcionaram. Sobretudo no campo do designer gráfico social, aplicado aos interesses e as questões pertinentes à sociedade.

Intitulado, *Artes Visuais e Design Gráfico: ferramentas potentes para o empoderamento feminino e o combate à violência doméstica*, é um projeto pensado e desenvolvido com o propósito de unir essas duas áreas que muito têm em comum, em prol de uma proposta de educação não formal, voltada para as questões sociais femininas, motivada pelo desejo de contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Muito já foi conquistado com as lutas femininas ao longo dos anos, mas sabe-se que há muito a ser alcançado, pois ainda vivemos em uma sociedade machista e com grande desigualdade social. Presenciamos diariamente tentativas de silenciamento das vozes femininas, e a educação é sem dúvida uma importante ferramenta para a mudança desse cenário, pois através da educação criamos condições que favorecem o empoderamento, o pensamento crítico e as mudanças comportamentais.

Para tanto, foi desenvolvido um projeto de ação educativa que resultou na elaboração de uma cartilha informativa sobre os direitos das mulheres e contra a violência doméstica. Para isso foi realizada uma pesquisa aprofundada de modo a compor o material com os assuntos que fossem mais pertinentes e relevantes e que de alguma forma contribuissem positivamente para as mulheres vítimas da violência doméstica.

Tenho clareza que a decisão pelo tema escolhido se deve a minha história de vida, por vir de uma família na qual as representações femininas sempre foram as minhas referências. Mas também por estar ciente das vulnerabilidades e das diferentes formas de violências enfrentadas pelas mulheres na nossa sociedade.

Nesse contexto, percebi no trabalho de conclusão de curso a oportunidade de colaborar para o enfrentamento a violência doméstica contra as mulheres, fazendo uso do design social como ferramenta de diálogo, informação e reivindicação.

Para a realização dessa monografia debrucei-me na busca por bibliografias que discorressem sobre a participação das mulheres na história do designer gráfico buscando fazer um resgate histórico dessas contribuições femininas ao longo dos anos, pois muitas vezes são esquecidas e tem suas produções invisibilizadas ou dadas como menos importantes, quando comparadas à produção masculina.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos para melhor sistematizar os conteúdos e informações abordados e o produto apresentado.

O primeiro capítulo, “A construção de um caminho”, constitui-se como um capítulo introdutório, no qual faço um resgate mnemônico-reflexivo sobre minha vida e como essas vivências foram traçando caminhos que me fizeram chegar ao tema dessa monografia.

O segundo capítulo, “Das violências que atravessam o viver feminino”, tratamos sobre as violências e as desigualdades enfrentadas pelas mulheres no seu cotidiano, sobretudo trazendo dados sobre a violência em Pelotas e Rio Grande no ano de 2021, agravadas pela pandemia de COVID-19, assim como pautamos alguns esclarecimentos sobre a lei Maria da Penha.

No terceiro capítulo, “Contexto histórico do designer gráfico”, buscamos trazer um resumo sobre o percurso histórico da profissão de designer gráfico no mundo e no Brasil, com ênfase na participação das mulheres como parte importante dessa história, no sentido de apresentar, através desse recorte, um resgate de alguns nomes femininos de grande importância para este campo do conhecimento.

No quarto e último capítulo, “Cartilha sobre os direitos das mulheres e combate à violência doméstica”, apresentamos os processos para a produção do material educativo, as etapas e estudos necessários para a sua construção.

1. A CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher.”
Cora Coralina

Nossa vida é feita de momentos, de pequenas histórias que nos ajudam a constituir quem somos, assim como uma colcha de retalhos, feitas de vários pequenos pedaços, cada um com texturas e cores diferentes, todos alinhavados e costurados formando um todo. É assim que vejo minha história, feita de vários pedacinhos que carrego comigo e me fazem ser quem eu sou.

Nascida de uma família pobre, a mais velha de três irmãos, minha mãe engravidou muito cedo aos 16 anos, cuidava da casa e dos filhos, meu pai era garçom.

Tenho boas lembranças da minha infância, principalmente as brincadeiras com meus irmãos, subir nas árvores, brincar de casinha, as apresentações de Natal que adorávamos fazer no fim do ano. Mas, ao mesmo tempo, pensar na infância me traz muitas lembranças e sentimentos ruins.

Tive uma infância marcada por muitas brigas em casa, meu pai era muito rude, qualquer coisa que não lhe agradasse já era motivo para agir com violência, tanto comigo quanto com minha mãe. Só havia sossego em casa quando ele não estava, sempre que ele se fazia presente havia uma tensão no ar.

Convivemos com essa violência doméstica por muitos anos, talvez por minha mãe acreditar que ele mudaria, talvez pela sua condição financeira dependente, pela preocupação com os filhos, pela falta de informação ou um pouco de tudo isso.

É nessa época da infância que me vem às primeiras memórias do desenho na minha vida. Gostava de desenhar de tudo um pouco, não tinha um padrão e nem mesmo desenhava bem, apenas adorava parar e ficar ali desenhando, aquilo me fazia muito bem, me levava para outro mundo, como dizia Frida Kahlo: “Pés, pra que te quero, se tenho asas para voar?”. Desenhar para mim tinha um pouco esse poder, me fazia de certa forma voar, canalizava ali as vivências ruins e transformava-as em algo bom.

Esse gosto pelo desenho seguiu até a adolescência, quando surgiu uma espécie de negação ao desenho e aos poucos comecei a abandonar esse hábito, e hoje em dia são raras às vezes nas quais desenho.

Figura 01 - Grafite sobre papel - Sabrina Souza, 1991.



Fonte: Acervo Pessoal

O registro que trago na imagem acima (figura 01), desenhei quando tinha 13 anos, é um dos poucos que ainda restaram, já com o papel amarelado dos anos passados, mas tenho um grande carinho, por contar parte da minha história.

Meus pais se separaram e fomos morar com minha avó, que deu todo apoio e nos acolheu nesse momento difícil. Assim como minha mãe, ela também sofreu com um casamento marcado pela violência e com certeza compreendia bem aquela situação pela qual estávamos passando. Carrego sempre comigo esses dois exemplos de mulheres na minha vida, duas guerreiras que seguraram uma barra e nunca perderam a esperança.

Sempre estudei em colégios públicos, fiz quase todo o ensino fundamental no Colégio Municipal Pelotense, que no último ano nos levou para conhecer a então na época chamada de Escola Técnica de Pelotas, atualmente Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFSUL). De cara me interessei pelo curso de desenho industrial, um curso com formação curricular que abrangia a Comunicação Visual e o Designer de Interiores, hoje em dia estes cursos estão divididos.

Além de ser uma área que já me despertava interesse, o curso técnico era também uma opção mais rápida para ingressar no mercado de trabalho e ajudar minha família.

Foram quatro anos de muito aprendizado no curso técnico, onde tive contato com várias técnicas como: desenho livre, desenho técnico, pintura, desenvolvimento de projetos, entre outras tantas, mas foi a comunicação visual que ganhou meu coração, foi ali que me encontrei como profissional.

Desde então já se passaram mais de 20 anos, que venho trabalhando com comunicação visual. Esses anos todos de designer me deram a chance de realizar muitos projetos gráficos para vários segmentos, mas em geral quase todos os trabalhos eram voltados ao mercado, incentivando a venda de um produto ou um serviço. A partir da revolução industrial, o paradigma do design tem sido o de desenhar para o mercado; são produtos produzidos pelos fabricantes e dirigidos ao consumidor (MARGOLIN; MARGOLIN, 2004).

Há cinco anos comecei uma nova etapa, venho desenvolvendo minhas atividades como servidora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no cargo de técnica em artes gráficas. Foi como servidora da universidade que comecei a usar o design gráfico como uma ferramenta para as questões sociais. Vitor Papanek, desenhista industrial, publicou em 1972 um livro chamado *Design for the Real World* (Design para o Mundo Real). Papanek abordou em seu livro o designer no seu papel social, tornando-se uma obra bastante conhecida mundialmente. No texto, ele defende que o designer deve exercer um papel social e usar seu trabalho para as questões sociais.

Em 2017, após 20 anos sem frequentar a sala de aula resolvi voltar aos estudos, fazendo a prova do ENEM e ingressando em 2018 no primeiro semestre de Artes Visuais. Esse contato com o mundo das artes contribuiu muito para o meu crescimento profissional e pessoal, pude aprender mais sobre esse universo de possibilidades que a arte nos fornece. Através das artes visuais tomei conhecimento sobre mulheres artistas que utilizam sua poética, como uma forma de mostrar ao mundo suas inquietações e angústias, proporcionando um maior protagonismo para as questões femininas.

A graduação me proporcionou a oportunidade de tratar pela primeira vez o tema da violência contra a mulher, em um trabalho para o encerramento do semestre das disciplinas de Cinema e Vídeo e Introdução à Tridimensionalidade. Nestas disciplinas foi lançada como proposta a realização de um vídeo e a montagem de uma exposição que dialogassem entre si, em que o tema era algo que nos tocasse.

Figura 02 – Gravações para a produção do vídeo - Denner Goulart, 2019.



Fonte: Acervo Pessoal

A foto acima (figura 02) foi tirada durante a filmagem do vídeo. Para esse trabalho buscamos inspiração na artista Beth Moysés (São Paulo/SP, 1960), que trata muito as questões femininas, e costuma utilizar em seus trabalhos os vestidos de noiva, trazendo no vestido a representação do sonho do casamento perfeito. O que tentamos trazer nesse trabalho foi estas mulheres cheias de sonhos frustrados pela violência sofrida. Nosso objetivo foi chamar atenção para esse assunto, em nome de todas essas mulheres que são vítimas de agressões todos os dias. Ao final do vídeo, estas mulheres aparecem caminhando de mãos dadas, para mostrar que elas não estão sozinhas nessa luta.

Trouxemos essa poética visual como uma tentativa de fortalecer essa união entre as mulheres e enfraquecer o discurso imposto pela sociedade de que apenas existe o sentimento de rivalidade. Esse discurso de competição facilita a opressão e dificulta o empoderamento feminino, pois quando não estamos juntas as lutas tornam-se mais difíceis: “quando agimos como se fossemos rivais perdemos a força que

poderíamos ter caso usássemos a sororidade para nos empoderar" (SOUZA, 2016, p.53).

A sororidade é definida como, a união e a aliança entre mulheres baseadas na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum (SOUZA, 2016).

É evidente que a união entre as mulheres se torna cada vez mais necessária nesse cenário onde o machismo estrutural está instaurado, mesmo que às vezes esteja disfarçado e aparecendo de forma sutil que mal percebemos. Essa união se faz necessária e urgente para que se possam gerar transformações sociais.

Figura 03 – Fotografia exposição - Sabrina Souza, 2019.



Fonte: Acervo Pessoal

Esta foto (figura 03) mostra como ficou a instalação que foi montada no saguão de entrada do Prédio das Artes. Trazendo estes dois elementos característicos do casamento, o vestido e as rosas. As rosas foram colocadas frescas por cima do vestido de noiva, e com o passar dos dias foram murchando e perdendo seu encanto,

simbolizando os casamentos que se desfazem pela violência. Acho que com esse trabalho conseguimos levar para a sala de aula um pouco de reflexão sobre esse assunto.

Profissionalmente também tenho tido oportunidade de desenvolver materiais que abordam vários temas sociais que passam pela identidade de gênero, inclusão social e também a violência feminina.

Figura 04 - Card digital contra a violência, 2020.



Fonte: Acervo Pessoal

Em 2020, com a pandemia de Covid-19, o número de mulheres trancadas em casa junto ao seu agressor aumentou consideravelmente. Pensando em uma maneira de chegar até essas mulheres, foi desenvolvida uma campanha nas redes sociais contra a violência feminina, na qual tive o privilégio de criar cinco cards¹, cada um deles referente a um tipo de violência. Estes cards tinham frases de Elza Soares, cantora e compositora e uma grande ativista contra a violência feminina. Este trabalho

¹ Card Design, geralmente apresentados em formatos retangulares, contém informações resumidas, relevantes, interativas e de rápida compreensão.

foi divulgado nas redes sociais, sendo inclusive compartilhado pela própria Elza na sua rede social (@elzasoaresoficial).

A partir das minhas experiências, contadas nos relatos acima, achei relevante trazer a violência feminina como tema para o meu trabalho de conclusão de curso. Apesar de ser um assunto bastante doloroso para mim, é preciso que se fale a respeito, pois ainda temos muito a caminhar, falar e agir quando o tema é a violência, até que chegue o momento em que todos tenhamos consciência e respeito dos direitos das mulheres e esta causa não precise mais ser defendida.

Este trabalho é incentivado por aquelas mulheres pelas quais não pude ajudar, como minha mãe e minha vó. Mas é sobretudo dedicado aquelas as quais ainda posso dar alguma contribuição mesmo que singela, para que a história de violência não se repita.

Tendo como objetivo principal chegar a essas mulheres levando um pouco de conhecimento a respeito desse assunto e utilizando como ferramenta comunicação visual e o design gráfico no seu papel educacional e social, desenvolvo como produto final uma cartilha educativa voltada ao combate da violência contra a mulher.

2. DAS VIOLÊNCIAS QUE ATRAVESSAM O VIVER FEMININO

A violência doméstica é um problema concreto e complexo da sociedade, comprometendo direitos humanos fundamentais, como o direito à vida, o direito à saúde e à integridade física e psicológica estruturada em uma sociedade com pilares patriarciais e machistas. O patriarcado se fortalece e, por mais que aparente debilidade, permanece forte e destrutivo (SANTOS, 2020, p. 8 *apud* FERREIRA MAINART, C.; LOPES SILVA, E. C. 2021, p. 3). O homem tenta a todo custo afirmar sua autoridade sobre sua parceira e filhos, e assim manter seu status social como ser superior na relação, mesmo que para tal utilize da violência, já que essa parece ser legitimada e banalizada pela sociedade.

Infelizmente, a mulher tem ao longo da história da humanidade adquirido uma posição de ser frágil e inferior. Ribeiro (2009, *passim*) cita em seu artigo alguns exemplos de consolidação para esse pensamento disseminado por alguns pensadores da idade Média e Moderna. Segundo a autora, Rousseau no século XVIII, disse que “a mulher é um ser destinado ao casamento e à maternidade”; Diderot escreveu que embora pareçam civilizadas “continuam a ser verdadeiras selvagens” e que ela era propriedade do homem; Kant a considera “pouco dotada intelectualmente, caprichosa, indiscreta e moralmente fraca”; Nietzsche “o homem deve ser educado para a guerra, a mulher para a recreação do guerreiro”.

No entanto, muitas destas ideias se perpetuam ainda nos dias atuais, em pleno século XXI, na era da pós-modernidade, e apesar de todo avanço dos movimentos feministas iniciados na segunda metade da década de 1960, e que tem como principal reivindicação a luta pela “libertação” da mulher. Reivindicação essa que tem como tema central denunciar a existência da opressão enraizada, que atinge todas as mulheres, independente de classe social, classe econômica, cultural e política. “Dito de maneira simples, feminismo é um movimento para acabar com sexism, exploração sexista e opressão ” (HOOKS, 2018, p.17). Acima de tudo tornar homens e mulheres conscientes de que essa opressão persiste, mesmo com os direitos adquiridos ao longo dos anos.

Não é a violência que cria a cultura, mas é a cultura que define o que é violência. Ela é que vai aceitar violências em maior ou menor grau a depender do ponto em que nós estejamos enquanto sociedade humana, do ponto de compreensão do que seja a prática violenta ou não. (BAIRROS, Luiza, *apud* SANEMATSU e PRADO, 2015).

No entanto, ainda podemos observar muitos casais em que a mulher parece ter um relacionamento de servidão e submissão para com o marido ou parceiro, se sujeitando a seus desejos. Pode-se perceber ainda, que naqueles casos em que a parceira não se sujeita aos domínios masculinos, estas costumam ser punidas por seus companheiros, que se sentem na autoridade e direito de tais atos.

Sobre esse assunto, bell hooks afirma:

Homens, como um grupo, são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, do pressuposto de que são superiores às mulheres e deveriam nos controlar. Mas esses benefícios tinham um preço. Em troca de todas as delícias que os homens recebem do patriarcado, é exigido que dominem as mulheres, que nos explorem e oprimam, fazendo uso de violência, se precisarem, para manter o patriarcado intacto. A maioria dos homens acha difícil ser patriarca. A maioria dos homens fica perturbada pelo ódio e pelo medo de mulher e pela violência de homens contra mulheres, até mesmo os homens que disseminam essa violência se sentem assim. Mas eles têm medo de abrir mão dos benefícios (HOOKS, 2018, p.13).

A violência nem sempre é caracterizada pelo uso da força, segundo a Lei nº 11.340/2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha² (BRASIL, 2006), a violência pode ser caracterizada em cinco segmentos: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Na maioria das vezes estas violências não ocorrem de forma isolada, mas sim de forma concomitante levando as vítimas a um grau elevado de sofrimento.

Estas definições trazidas pela Lei Maria da Penha, são de extrema importância para alertar como a violência pode se manifestar de diferentes formas nas relações pessoais, e que, por muito tempo passaram despercebidas e não eram tratadas com a devida atenção.

As mulheres ligadas diretamente ao agressor são sem dúvida as mais atingidas, mas seus filhos também sofrem e carregam os impactos deste comportamento pela vida, por esse motivo, é de grande valia que as famílias vítimas desse sofrimento tenham assegurada a assistência adequada para garantir a segurança e a oportunidade de um novo recomeço.

Entretanto, é importante termos consciência de que briga de casal, é sim um problema de todos, que podemos e devemos “meter a colher”, pois as sequelas desse

² A Lei Maria da Penha (11.340/06) é considerada uma importante conquista no combate à violência doméstica e familiar contra as mulheres. Recebeu esse nome como forma de homenagear a pessoa símbolo dessa luta, Maria da Penha Fernandes, que sobreviveu a duas tentativas de homicídio por parte do ex- marido, ficou paraplégica, mas se engajou na luta pelos direitos da mulher e na busca pela punição dos culpados.

comportamento violento ultrapassam as fronteiras do lar, deixando de ser apenas um problema doméstico e gerando assim muitas consequências que se refletem na sociedade como um todo. A Organização Mundial de Saúde (OMS), considera a violência doméstica como um problema de saúde pública e tem recomendado aos países que sejam criadas estratégias para que possa ocorrer a diminuição desses casos.

Mesmo antes da pandemia do novo coronavírus, iniciada em 2020, a violência já era um problema que atingia milhões de mulheres pelo mundo, mas com as medidas de distanciamento social implantadas em decorrência da emergência sanitária, esse problema ganhou força devido às restrições sociais necessárias para conter o avanço da doença. Homens e mulheres precisaram ficar mais em suas casas, muitas pessoas adotaram o trabalho remoto e outras tantas acabaram por perder seu trabalho, fazendo com que passassem muito mais tempo em suas casas, no convívio com seus familiares. Além disso, alguns fatores contribuíram para que as tensões nos lares aumentassem. Entre eles, o medo de contrair a COVID-19, a incerteza da garantia do emprego, a conciliação entre afazeres domésticos e profissionais.

Diante disso, é importante trazer como reflexão que a pandemia não atingiu a todos da mesma maneira, é evidente que as pessoas em condições de vulnerabilidade social, privadas de condições dignas de gerar sustento para si e sua família foram as que mais sofreram com as consequências decorrentes da COVID-19, situações que vieram a corroborar para que as tensões nos lares aumentassem e consequentemente contribuir para o aumento da violência doméstica.

Segundo consta no 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (BUENO e LIMA, 2020), as mulheres sofreram mais violência dentro da própria casa e os autores de violência são pessoas conhecidas da vítima.

Ainda segundo o documento, uma em cada 4 mulheres brasileiras (24,4%) acima de 16 anos afirma ter sofrido algum tipo de violência ou agressão nos últimos 12 meses, durante a pandemia. Isso significa dizer que cerca de 17 milhões de mulheres sofreram violência física, psicológica ou sexual no último ano.

Dentre as entrevistadas, 4,3 milhões (6,3%) foram agredidas fisicamente com tapas, socos ou chutes. A cada minuto, 8 mulheres apanharam no Brasil durante a pandemia.

Ainda, 5 em cada 10 brasileiros (51,1%) relataram ter visto uma mulher sofrer algum tipo de violência no seu bairro ou comunidade ao longo dos últimos 12 meses.

A Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul (SSP, 2021), faz um acompanhamento mensal dos indicadores de violência contra as mulheres em cada município (tabela 01). De janeiro a dezembro de 2021, foram registradas 32.649 denúncias por ameaças, 18.037 por lesão corporal, 2.285 por estupro, 96 por feminicídio consumado e 257 feminicídio tentado.

Em Rio Grande neste mesmo período segundo a SSP, foram 485 denúncias por ameaças, 375 por lesão corporal, 32 por estupro, 3 feminicídios consumados e 10 por tentativa de feminicídio.

Já em Pelotas os números foram de 760 denúncias por ameaças, 653 por lesão corporal, 53 por estupro, 2 feminicídio consumados e 3 tentativas de feminicídio.

Tabela 01 - Indicadores da Violência, 2021.

MONITORAMENTO DOS INDICADORES DE VIOLENCIA CONTRA AS MULHERES NO RS

MÊS	AMEAÇA	LESÃO CORPORAL	ESTUPRO (*)	FEMINICÍDIO CONSUMADO	FEMINICÍDIO TENTADO
jan/21	3.410	1.942	242	11	31
fev/21	2.725	1.595	221	6	22
mar/21	2.705	1.475	178	3	30
abr/21	2.612	1.389	169	14	15
mai/21	2.414	1.119	153	7	9
jun/21	2.258	1.047	142	8	18
jul/21	2.648	1.344	161	9	18
ago/21	2.686	1.425	214	14	22
set/21	2.518	1.421	179	7	21
out/21	2.844	1.649	214	3	25
nov/21	2.834	1.673	206	8	23
dez/21	2.995	1.958	206	6	23
Total	32.649	18.037	2.285	96	257

Fonte: <https://www.ssp.rs.gov.br/observatorio-mulher>

Estes indicadores não são uma verdade absoluta da realidade da violência sofrida pelas mulheres, é apenas um levantamento das denúncias que chegam aos órgãos competentes, mas existe uma série de violências que ficam na subnotificação, que não chegam ao conhecimento das autoridades competentes.

É possível perceber que as consequências geradas pela desigualdade que atinge as mulheres, não se restringem apenas às relações afetivas, mas também geram grande impacto em outros setores.

Diante desse cenário, é perceptível a disparidade salarial das mulheres com relação aos homens. Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE, 2019), as mulheres ainda ganham 20,5% menos que os homens, mesmo exercendo a mesma atividade. De acordo com esse mesmo senso, as mulheres são a maioria da população fora do mercado de trabalho, esse fator está relacionado com a responsabilidade com os afazeres domésticos e aos cuidados com os filhos, pois muitas vezes não encontram lugares onde possam deixá-los. As mulheres também são a minoria em cargos de chefia. A maioria das mulheres em trabalhos formais estão em cargos de menor valorização e continuam sofrendo discriminação com relação a seus afazeres profissionais.

Além disso, as mulheres continuam sofrendo abusos e assédios morais e sexuais no ambiente de trabalho. Segundo o Dossiê Violência Contra as Mulheres (SANEMATSU e PRADO, 2020), cerca de 40% das mulheres já foram xingadas ou ouviram gritos em ambiente de trabalho, contra apenas 13% dos homens.

No geral, as mulheres precisam provar suas capacidades muito mais que os homens, na maioria das vezes são vistas como incapazes de tomarem grandes decisões, o que possivelmente seja uma explicação para a pouca representatividade na área da política. Quando uma mulher se posiciona de forma mais forte e incisiva não é bem-vista e é tachada muitas vezes como histérica, enquanto os homens com os mesmos comportamentos são tidos como líderes.

Dessa forma, para que os direitos das mulheres sejam alcançados, é necessário que haja uma conscientização da sociedade em relação à situação das mulheres no cenário geral. Para Maria da Penha: “a educação é a base para a construção de uma sociedade mais justa e sem violência doméstica contra a mulher” (PENHA *apud* MONDO, 2017).

O artigo 8º da Lei Maria da Penha versa sobre a criação de mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, no sentido de prevenir que o fato ocorra, por meio de ações que envolvam órgãos da união, dos Estados, do Distrito Federal, dos municípios e ações não governamentais.

Neste sentido, é importante ressaltar que quanto mais campanhas educativas voltadas para a sociedade em geral, incluindo programas que contemplem a educação nos seus espaços múltiplos forem disseminadas, maiores serão os esclarecimentos dos direitos das mulheres em relação a sua integridade física e psíquica, garantindo assim uma vida mais digna e livre de violência.

Maior também será a conscientização da importância que cada indivíduo tem para a realização da mudança desse cenário. Em uma entrevista Ana Mae Barbosa coloca que: “[...] só vamos conquistar realmente um lugar igual aos homens, junto com eles [...]” (CINEAD, 2017). Portanto precisamos de uma força tarefa, de uma união e uma organização em conjunto, para tornar possível uma verdadeira alteração comportamental em prol de uma sociedade mais igualitária, livre de discriminação de gênero.

Diante desse contexto, o design gráfico no seu papel social e ativista tem ganhado cada vez mais espaço como uma ferramenta potente de comunicação. Sendo de uma linguagem clara e objetiva, pensado e elaborado de forma que consiga atingir e tocar um determinado grupo ou grupos a que se destina a abordagem. Pode ser com certeza um aliado tanto no contexto educacional, pensado como ferramenta pedagógica auxiliar nas escolas, como também fora do ambiente escolar, para a sociedade em geral, levando assim informação para essas pessoas e contribuindo para as melhorias sociais.

No entanto, é importante se pensar que nem sempre o design teve essa preocupação com as causas sociais, esta é uma vertente considerada recente e que vem ganhando cada dia mais adeptos entre os designers. Vale lembrar que em sua origem o design surgiu da necessidade de atender aos interesses do capital. Para que se conheça um pouco mais sobre a história do design, o próximo capítulo é dedicado a um pequeno resumo sobre o seu surgimento.

3. CONTEXTO HISTÓRICO DO DESIGN GRÁFICO

Para falarmos sobre o Design Gráfico é importante que se faça um resgate histórico e se pense nas origens desta profissão, que pode ser considerada recente por muitos, mas que, na verdade, vem sendo realizada há muitos anos, porém nem sempre com a mesma designação. As pessoas que se dedicavam a imprimir livros, cartazes e outros materiais em suas oficinas eram chamados de “artistas comerciais”.

Quando os artistas, em vez de utilizarem caracteres tipográficos, desenhavam eles mesmos as letras dos textos, e quando se responsabilizavam por cada elemento do design que deveria ser produzido pela máquina, estavam praticando aquilo que mais tarde ficou conhecido como design gráfico. (HOLLIS, 2001, p. 11).

O Design como profissão teve seu surgimento atrelado à revolução industrial, quando surge a necessidade de se ter um indivíduo responsável por desenvolver projetos capazes de produzir e reproduzir, em grande escala, objetos ou bens de consumo. Note-se que não se trata do seu surgimento, e sim da sua institucionalização, ou seja, da “consciência do design como um conceito, profissão e ideologia” (CARDOSO, 2005, p. 07).

A Bauhaus tornou-se o primeiro capítulo da história do design do século XX (LUPTON e MILLER, 2008, p. 07). Fundada pelo arquiteto Walter Gropius em 12 de abril de 1919, foi uma escola alemã, que revolucionou a maneira como o design era pensado e realizado. Esta escola ficou conhecida por ter uma postura de vanguarda e, entre outras coisas, aceitar mulheres como alunas.

Em 1928, Gropius deixa a direção e sua substituição se dá pelo também arquiteto suíço Hannes Meyer. Em 1933, a Bauhaus encerra suas atividades, devido a pressão do sistema nazista.

Com seu fechamento, muitos dos professores da Bauhaus foram para outros países, o que acabou por ser um fator determinante para a difusão das ideias construídas na escola pelo mundo.

A escola pregava a igualdade de gênero dizendo que não tinha distinção entre os sexos, por este motivo teve um grande número de mulheres inscritas, o que causou surpresa à época. No entanto, apenas algumas mulheres eram realmente aceitas no programa (figura 05 e 06). Na prática, nem todos os ofícios estavam abertos às

mulheres, a maioria era dirigida para laboratórios de cerâmica e tecelagem, por serem considerados ofícios mais delicados.

Figura 05 - Mulheres da Bauhaus - Alexa von Porewski, Lena Amsel, Rut Landshoff e desconhecida, antes de 1929.



Fonte: https://www.artspace.com/magazine/art_101/in_depth/the-other-art-history-the-forgotten-women-of-bauhaus-55526

Figura 06 - Foto em grupo da sala de aula de tecelagem de Gunta Stölzl, por volta de 1927.



Fonte: <https://www.abc.es/xlsemanal/historia/gunta-stolz-taller-textil-bauhaus-historia-nazismo-alemania.html>

Apenas uma mulher ganhou destaque como designer na Bauhaus, Marianne Brandt (1893-1983), ela foi uma pioneira nas oficinas de metais, seu trabalho ainda hoje é referência no desenho industrial. Marianne se destacou tanto a ponto de se tornar a segunda mulher a compor o quadro de docentes da escola.

No Brasil, o design como profissão tornou-se reconhecido a partir de um movimento por um país mais moderno, de Getúlio e da Petrobrás (figura 07), de Juscelino Kubitschek e de Brasília. Em 1951, houve a criação do curso de Design Industrial do Instituto de Arte Contemporânea (IAC), no Museu de Arte de São Paulo (MASP). O curso, porém, não teve o sucesso esperado e veio a ser fechado em 1953.

Figura 07 - Getúlio Vargas mostra a mão suja de petróleo da refinaria de Mataripe – Renato Pinheiro, Bahia, 1952.



Fonte: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=263814>

Em 1963, já com um contexto de industrialização concretizado, é fundada a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), primeiro curso superior em Design, e considerado o marco do design moderno no país (HERTZEL, 2017, p. 31).

Sobre o design no Brasil, Cardoso relata que:

Perdura na consciência nacional o mito de que o design brasileiro teve sua gênese por volta de 1960. Como todo mito, trata-se de uma falsidade histórica patente. Como todo bom mito de origem, trata-se também de uma verdade profunda, para além dos limites de nossas vãs metodologias. O que ocorreu sem dúvida alguma, foi uma ruptura. (CARDOSO, 2005, p. 07).

Entretanto não podemos afirmar que o design brasileiro teve seu surgimento em 1960, muito já havia sido produzido nessa área, o que ocorre é a legitimação do designer gráfico no Brasil como profissão.

Outro fato de grande relevância para o desenvolvimento do design no Brasil, foi a criação da Associação Brasileira de Desenho Industrial (ABDI), também no ano

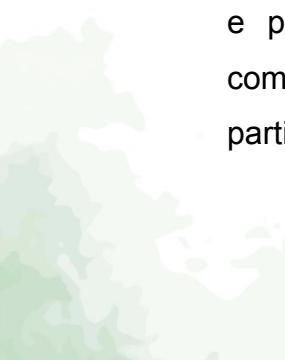
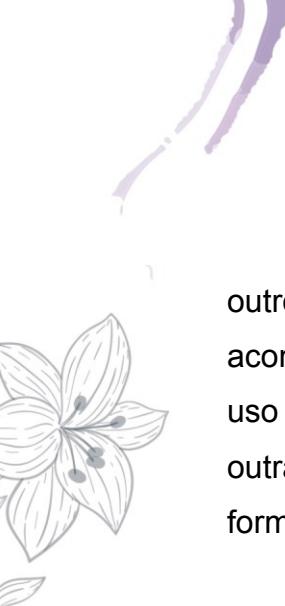
de 1963. Entretanto a profissão de designer só foi reconhecida oficialmente no Brasil depois do ano de 1995, com a criação do Programa Brasileiro de Design (PBD).

Durante esses anos, muita coisa mudou no Brasil e no mundo. Os avanços tecnológicos são responsáveis por uma série de mudanças que vem acontecendo de forma muito rápida e inimaginável há até alguns poucos anos atrás. Esse avanço tecnológico que vivemos, acrescentou ferramentas de trabalho que possibilitaram aos designers, em especial aos designers gráficos, uma vasta gama de possibilidades para expandir suas criações.

Mas, para falarmos das mudanças que o design gráfico sofreu, primeiro é importante que se esclareça o que se entende por design e design gráfico. É difícil limitarmos e simplificarmos o que é design. O design é um campo amplo que engloba os processos técnicos e criativos, relacionados ao planejamento e a criação de um determinado produto. Por esse motivo, os designers podem atuar em várias áreas distintas, tais como, design de moda, de produtos, de interior, comunicação visual, entre outros tantos. Além de sofrer influências transversais das artes, arquitetura, engenharia, ergonomia entre outras. Sendo assim considerado um campo plural e múltiplo. “O design é um campo de possibilidades imensas, no mundo complexo em que vivemos [...] o design tende ao infinito – ou seja, a dialogar em algum nível com quase todos os outros campos de conhecimento” (CARDOSO, 2012, p.128).

Sobre o design gráfico especificamente, Cardoso (2008) explica que: “chamamos de **design gráfico** o conjunto de atividades voltadas para a criação e a produção de objetos de comunicação visual, geralmente impressos, tais como livros, revistas, jornais, cartazes, folhetos e tantos outros”. O design gráfico tem o propósito de transmitir uma ideia da maneira mais eficiente, direta e clara. Para assegurar que o objetivo seja alcançado, o designer gráfico é a pessoa responsável pelo planejamento, diagramação e ilustração.

Por planejamento entende-se todo processo voltado para o melhor aproveitamento do suporte, como, por exemplo, calcular o número de páginas e cadernos de um livro ou uma revista, pensar as dimensões e o posicionamento de um cartaz ou um banner, explorar as possibilidades técnicas e informáticas de um suporte eletrônico. Por diagramação, entende-se o arranjo espacial dos elementos visuais sobre o suporte, como, por exemplo, a disposição de caracteres, linhas e margens sobre uma página ou de imagens e blocos de texto em um cartaz. Por ilustração, no sentido maior da palavra, entendem-se todos os processos utilizados para gerar e situar imagens, desde o desenho até a manipulação digital de fotografias (CARDOSO, 2008, p. 2).



Hoje as criações não só habitam o mundo do papel, mas também ganharam outros meios para se comunicar, como é o exemplo do meio virtual. Assim também aconteceu com as técnicas para compor um layout final. Hoje o designer gráfico faz uso de diferentes técnicas que passam pela fotografia, colagem, pintura e tantas outras, um misto de atravessamentos para alcançar seus objetivos de comunicar de forma clara.

Ainda sobre as mudanças que rondam o design gráfico nestes últimos anos, surge uma nova forma de pensar como o design dialoga com a sociedade: será que o design, só é considerado design quando for voltado a oferecer soluções mercadológicas? Quais as implicações éticas e estéticas do design?

Tem se difundido uma corrente de pensamento que visa buscar um design gráfico mais consciente do impacto do seu trabalho para a sociedade, um design gráfico crítico do seu fazer como profissional e como pessoal, contribuindo assim para as melhorias sociais.

A esse respeito importa propor a discussão sobre a importância de os designers gráficos preocuparem-se não apenas com a forma estética de comunicar, mas também com a mensagem, ou seja, com o teor e conteúdo de suas comunicações. Por assim ser, é preciso saber que o designer gráfico pode utilizar seu conhecimento prestado ao campo comercial de produtos de consumo para a propagação de informação e comunicação visual relacionadas a temáticas relevantes para a sociedade, tais como a prevenção à criminalidade, responsabilidade ambiental, saúde, trânsito, educação em direitos humanos, respeito às diversidades de gênero, etc. (ROCHA, 2021, p. 53).

Toda profissão tem sua responsabilidade social e como tal:

Os trabalhos na área do design gráfico socialmente engajado intencionam refletir sobre a conformação social que nos foi imposta. Tais reflexões visam questionar quais são essas imposições e sobre a qualidade dos produtos e serviços oferecidos à sociedade consumidora (ROCHA, 2021, p. 54).

O design tem uma grande expressão social, sendo uma importante ferramenta para a conscientização e informação da sociedade. Ana Luisa Escorel (2000, p. 12) afirma que “o design é uma das formas de expressão mais instigantes do nosso tempo. É também um instrumento de grande eficácia para a promoção do bem-estar e para a divulgação de informações”. O design é um grande facilitador de comunicação com a sociedade, permitindo a compreensão mais fácil do mundo a partir do desenho de layouts que abordem temas relevantes.

3.1 REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO DESIGN GRÁFICO

Após uma pesquisa realizada em livros, artigos e web sites, apresento nesse tópico alguns nomes de designers cujos trabalhos são referência e acima de tudo são de grande importância para a história do design gráfico, servindo de inspiração para outras mulheres que trilham o caminho dessa profissão. Dentre as mulheres que se destacaram na pesquisa, procurei trazer aquelas que em particular fizeram do design um meio de trazer questões que permeiam o universo feminino.

Sabe-se que nas artes em geral, temos um apagamento histórico com relação ao que as mulheres produziram ao longo dos anos. Destacando-se na grande maioria das vezes apenas nomes de artistas masculinos, havendo uma carência de referências quando a pesquisa se dirige à produção feminina.

Existem casos em que as mulheres adotavam um pseudônimo masculino para terem suas artes apreciadas, ou casos como o da artista Margaret Keane, que ficou conhecida por pintar os quadros intitulados “Grandes Olhos”, que por muito tempo foram atribuídos a seu marido Walter Keane, e que depois de muitos anos Margaret declarou serem pinturas suas, abrindo inclusive uma disputa judicial onde ficou provado que os quadros eram pintados por ela.

As mulheres estão nos museus e em grande parte do que foi produzido artisticamente, mas na maioria das vezes sua representatividade está condicionada a objetificação, a uma figura nua exposta em um quadro de algum renomado artista homem. Inclusive este tema foi disseminado por um grupo conhecido como Guerrilla Girls (figura 08), que é um grupo de artistas feministas anônimas cujo objetivo é combater o sexismo e o machismo no mundo da arte.

Figura 08 - Consciência do mundo da arte, Guerrilla Girls, cartaz digital, 2017.



Fonte: <https://masp.org.br/acervo/busca?author=guerrilla+girls>

Na história do design gráfico, tanto no Brasil quanto no mundo, não diverge da história da arte, há muito material sobre as produções masculinas, mas quando o foco da pesquisa são as mulheres a dificuldade de encontrar estes registros aumenta. Por se tratar de um campo mais criativo, pode-se pensar que as mulheres tivessem facilidade em se destacar, quando na realidade apenas os ofícios considerados de menor importância como aqueles artesanais, eram ditos femininos. Já o status de designers renomados parece pertencer quase sempre a um nome masculino. As mulheres que tiveram reconhecimento como designers em sua maioria eram casadas com designers e trabalhavam em agências com seus maridos. Já as que eram solteiras, apenas as que vinham de famílias ricas conseguiram alcançar o reconhecimento. Raramente alguma mulher que não se encaixasse nestes perfis teria o reconhecimento.

Para tanto é importante frisarmos que existem designers gráficos talentosas e mesmo que seus nomes não tenham tido tanto destaque quando comparados a outros nomes masculinos, suas criações foram e continuam sendo pilares importantes para que o reconhecimento do trabalho feminino aconteça, mesmo que gradativamente. Pois, por muito tempo, seus trabalhos ficaram nas sombras das histórias contadas e exaltadas por vozes masculinas. “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (BEAUVOIR, 2009, p. 12).

Para enaltecer estas produções femininas que por muito tempo foram negligenciadas e deixadas nos bastidores da história do design, listo aqui alguns nomes que foram e ainda são de grande importância para o cenário do design gráfico. Certamente existem muitos outros nomes a serem citados, mas as limitações desta monografia não nos possibilitam estender.

April Greiman

April Greiman é uma designer que nasceu nos Estados Unidos em 1948. Greiman estudou design gráfico no Kansas City Art Institute (EUA) e na Basel School of Design (na época Allgemeine Künstgewerberschule Basel, localizada na Suíça) – nessa última, sob a tutela de Armin Hofmann e Wolfgang Weingart. Foi durante esse período que a designer desenvolveu seu estilo, o qual seria, posteriormente, considerado como *new wave*³.

Considerada a pioneira no uso de computadores como ferramenta de design, trouxe em suas produções o uso de bitmaps e pixels.

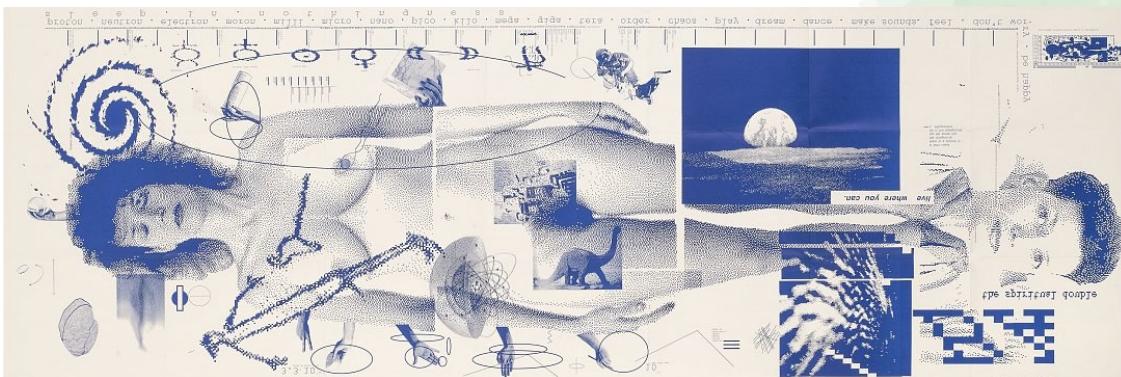
April Greiman explorou as propriedades visuais de fontes *bitmap*, a estratificação e a sobreposição de informações na tela do computador, as aproximações entre a linguagem do vídeo e do impresso e os padrões e formas táteis viabilizados pela nova tecnologia. (MEGGS e PURVIS, 2009, p. 630).

O cartaz de Greiman inaugurou uma nova era, a era do design produzido por computadores, fazendo nascer um novo meio de produção.

Convidada para conceber o número 133 da revista *Design Quarterly* em 1986, April criou um pôster (figura 09) com uma foto sua nua onde dispôs uma cronologia começando no Big Bang (a criação original) e terminando numa versão idealizada dela própria, passando pela chegada à lua e pela comercialização do primeiro Macintosh. Este cartaz de 61 por 183 centímetros foi executado inteiramente no Macintosh: “ela explorou a captura de imagens a partir de vídeo e sua digitalização, sobrepondo camadas no espaço e integrando palavras e figuras num único arquivo” (MEGGS e PURVIS, 2009, p. 630). A revista é considerada um marco do design gráfico.

³ A chamada *New wave* foi a incubadora dos experimentos com tipografia, uso das cores, texturas, formas geométricas numa mesclagem que transformou a comunicação visual.

Figura 09 - Colagem digital para a revista *Design Quarterly*, n.133, April Greiman, 1986.



Fonte: <https://www.sfmoma.org/artwork/96.366>

Contudo, o trabalho recebeu muitas críticas na época, foi taxado de pornográfico por alguns e Greiman chegou a escutar perguntas machistas do tipo: “quando viria a parte de trás do pôster?”. Hoje o trabalho é considerado um cânone do design gráfico é citado como referência em muitos livros da história do design gráfico (MEGGS, 2009; HOLLIS, 2001; ESKILSON, 2007).

Com a criação desse layout Greiman deu um grande passo para o futuro do design gráfico, foi ousada usando seu próprio corpo como parte central do seu trabalho gráfico e trazendo protagonismo para os designers. “Houve muitas críticas”, lembra ela:

“As pessoas - principalmente outros designers - que foram ameaçadas pelas minhas inovações foram as mais amargas. Mas essas críticas, ao me obrigar a articular minhas ideias, serviram apenas para aguçar meu estilo”. (GREIMAN em entrevista para WHITESON, 1988).

Em relação ao hibridismo no design gráfico, Meggs e Purvis (2009), ponderam que,

A poderosa fusão entre as tecnologias do vídeo e da impressão desencadeou novas possibilidades gráficas. Discos óticos, equipamentos de captura e edição de vídeo e mídias interativas baseadas na impressão ou no tempo expandiram mais ainda a atividade do design gráfico (MEGGS e PURVIS, 2009, p. 644).

Figura 10 - Capa da revista *WET*, April Greiman e Jayme Odgers, USA, 1979.



Fonte: <https://womenofgraphicdesign.org/page/149>

O trabalho realizado anteriormente, em 1979, para a capa da revista *WET* (figura 10) é outro exemplo claro das experimentações pós-modernistas da designer. Em parceria com o fotógrafo Jayme Odgers, April Greiman criou uma montagem onde ousou nas formas geométricas e coloridas, misturadas com a foto do cantor Rick Nelson e colagens de jornais japoneses. De acordo com Meggs e Purvis, Greiman expressou seu compromisso de “assumir o desafio de persistir rumo a uma nova paisagem de comunicação. Usar essas ferramentas para imitar o que já sabemos e pensamos é uma lástima” (MEGGS e PURVIS, 2009, p. 630). Além de empregar a nova tecnologia para tomar decisões sobre tipos e layout, ela afirmou “é preciso aplicar outra camada aqui, de ideias” (GREIMAN *apud* MEGGS e PURVIS, 2009, p. 630).

A Designer recebeu entre outros prêmios a medalha do Instituto Americano de Artes Gráficas (AIGA), que vem a ser a mais distinta honra da profissão de designer de comunicação.

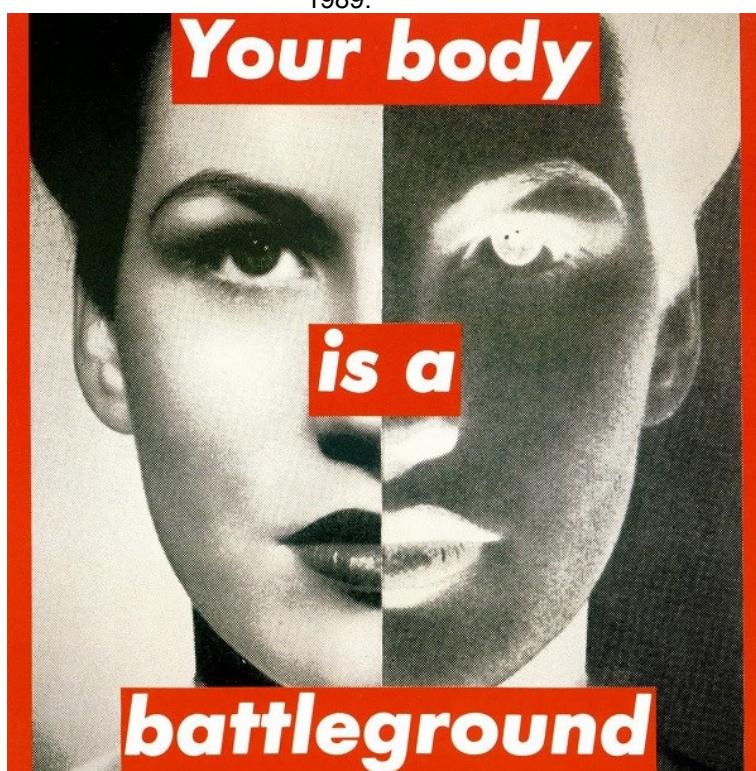
Bárbara Kruger

Bárbara Kruger nasceu em Nova Jersey em 1945. Em 1965, foi morar em Nova Iorque, onde frequentou a Escola de Artes Visuais da Universidade de Syracuse e estudou Arte e Design na Parson's School of Design. Logo após começou a trabalhar na revista Mademoiselle como designer gráfico, sendo promovida a designer chefe após um ano. Bárbara dedicou suas obras à arte conceitual, normalmente fazendo uso da linguagem da publicidade para elaborar críticas e criar novos significados.

No trabalho “Seu corpo é um campo de batalha” (figura 11), Bárbara produziu uma imagem icônica bem ao seu estilo, normalmente trabalhando com fotografias em preto e branco e faixas vermelhas com letras brancas normalmente em tipografia Futura Bold. A maioria dos seus trabalhos questiona o espectador sobre questões como o consumismo, o feminismo, o desejo e a individualidade.

Nesta obra a artista coloca preocupações sobre o direito da mulher ao controle do próprio corpo, fazendo com que o espectador reflita sobre a identidade feminina e as imposições de uma sociedade patriarcal.

Figura 11 - Untitled (Your body is a battleground), Barbara Kruger,, serigrafia fotográfica em vinil, 1989.



Fonte: <https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/barbara-kruger-atualiza-obra-iconica-novamente>

A artista produz trabalhos com imagens e frases muito potentes, tão potentes como as discussões que os próprios trabalhos trazem. No trabalho a seguir (figura 12), Kruger nos leva a pensar sobre o consumismo e sobre a sociedade capitalista em que vivemos. A frase de efeito “Eu compro, logo existo” foi emprestada do filósofo francês René Descartes “Penso, logo existo”. A frase traz reflexões importantes para a sociedade a respeito dos valores sociais, em que as pessoas são prestigiadas não pelo que são e pensam, mas por aquilo que possuem, pelos bens materiais que acumulam configuram seu status social. Uma sociedade baseada na superficialidade do consumismo.

Figura 12 - Untitled (I shop therefore I am), Barbara Kruger, serigrafia fotográfica em vinil, 1987.



Fonte:

<https://www.artsy.net/artwork/barbara-kruger-untitled-i-shop-therefore-i-am>

Kruger utiliza vários lugares para expor seu trabalho, tornando sua arte acessível ao público. O material produzido pela artista pode ser visto nas ruas, nos shoppings centers, nas laterais de ônibus, nos outdoors. Assim, ela consegue alcançar um número maior de pessoas levando suas provocações e reflexões.

Para a artista a sociedade é influenciada pelos códigos dos meios de comunicação de massa, as imagens que nos cercam as quais somos bombardeados todos os dias, vão formando um discurso aceito pela sociedade.

A imagem a seguir (figura 13) é um outdoor criado em 1992 a pedido da arte educadora Ana Mae Barbosa para a inauguração da sede do Museu de Arte Contemporânea da USP na Cidade Universitária. Esta é a única obra de Bárbara Kruger em português.

Figura 13 - Imagem do Billboard (outdoor), Barbara Kruger, USP, 1992.



Fonte:

http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro__BARBOSA_Ana_Mae_572-581.pdf

Em 2019, Ana Mae escreveu um livro em colaboração com Vitória Amaral, o livro intitula-se *Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design e educação*. A capa do livro é a obra realizada por Bárbara Kruger para o outdoor.

Sobre este livro Ana Mae afirma que,

Esta pesquisa é uma bricolagem: é memória, é celebração, é homenagem, é ativismo em prol da conscientização das Arte/Educadoras e Arte/Educadores acerca da condição periférica da mulher na Arte/Educação e da Arte/Educação em relação aos poderes dominantes. (BARBOSA, 2019, p. 574).

Especialmente para esta pesquisa, é importante destacar que foi o trabalho de uma designer o escolhido para ilustrar a capa da publicação que traz como foco as questões feministas para o âmbito da arte/educação.

Ellen Lupton

Ellen Lupton nasceu em 1963, na Filadélfia, Pensilvânia. Lupton é escritora, educadora, curadora e designer (figura 14). A artista-pesquisadora é uma das principais acadêmicas da contemporaneidade, é autora de mais de quinze livros referências no design gráfico, alguns deles traduzidos para o português, como: *Pensar com Tipos* (2004) e *Novos Fundamentos do Design* (2008). Sua preocupação com seus trabalhos é focada para que sejam bem diagramados, facilitando assim a assimilação dos conteúdos.

Por sua importância para o campo do design Lupton recebeu a AIGA Medal em 2007.

Figura 14 – Seleção de designs de capa de Ellen Lupton.



Fonte: <https://arts.unl.edu/art/news/new-york-graphic-designer-lupton-presents-hixson-lied-visiting-artist-lecture-april-6>

Lupton é curadora sênior de design contemporâneo na Cooper Hewitt, Smithsonian Design Museum na cidade de Nova York. Ela também atua como diretora do programa de Mestrado em Design Gráfico de Belas Artes no Maryland Institute College of Art, em Baltimore.

É importante também pontuar que a artista faz uso de conhecimentos de artes, literatura e cultura para transformar em design, para ela: “design é arte que as pessoas usam” (Ellen Lupton em palestra no Block Museum, 2018).

Além de seus livros, Lupton também escreveu alguns artigos importantes visando abordar as questões femininas no design gráfico, entre eles: “*The Myth of the*

Working Mom" (O Mito da Mãe Trabalhadora) e "Women Graphic Designers" (Mulheres Designers Gráficas), este se trata de um ensaio para o livro "Women Designers in the USA, 1900-2000: Diversity and Difference" (Mulheres Designers nos EUA, 1900 – 2000: Diversidade e Diferença). O livro conta a contribuição das mulheres designers para a cultura americana, abordando as várias áreas de atuação, mostrando como o design pode afetar a maneira como vemos o mundo.

Beatriz Feitler

Bea Feitler como gostava de ser chamada, foi a designer brasileira mais conhecida fora do país. Nascida em 1938, no Rio de Janeiro, de origem judia, sua família veio se refugiar no Brasil devido às sanções impostas pelos nazistas na Alemanha.

Formada em Desenho Gráfico na Parsons School of Design, em Nova York. Feitler foi convidada logo após a graduação por Carlos Scliar a trabalhar na renomada revista *Senhor*, composta por colabores de grandes nomes como Clarice Lispector e João Guimarães Rosa. A designer chegou a assinar três capas da revista (figura 15).

Figura 15 – Um dos primeiros trabalhos para a capa para a revista "Senhor", Bea Feitler, 1960.



Fonte: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/144/bea-feitler>

Em 1961, Marvin Israel, um ex-professor de Feitler na Parsons, se tornou diretor de arte da *Harper's Bazaar*, uma das mais importantes e antigas revistas de moda do mundo, a convidou para ser assistente de arte e, aos 23 anos, a designer iniciou o trabalho que a deixaria mundialmente conhecida. Bea Feitler produziu capas que viraram ícones dos anos 60 (figura 16) e foi premiada diversas vezes com a medalha da Art Directors Club of New York.

Figura 16 – Capa para a revista Bazaar, Bea Feitler, anos 1960-70.



Fonte: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/144/bea-feitler>

Os grafismos geométricos, as brincadeiras com perspectivas, texturas, escalas geométricas, uso de cores diferentes, imagens sangradas eram sua marca. A designer usava uma estética vibrante e com influências dos novos movimentos artísticos da Pop Art⁴ e Op Art⁵, usando e abusando de novas possibilidades e experiências estéticas que o período possibilitava.

Bea Feitler tinha um enfoque original para a tipografia e o design que não dependia da coerência de estilo, mas de uma habilidade finamente sintonizada para fazer escolhas apropriadas sem inibições da moda ou prática tipográfica corrente. Em uma única edição da revista *Ms.* ela usou uma

⁴ A Pop Art ou Arte Pop, nasceu na Grã-Bretanha em meados da década de 1950. Os artistas da Pop Art, ao mesmo tempo em que buscam aproximar a arte da cultura popular e reconhecem a presença do materialismo / consumismo na sociedade, fazem críticas a esse novo estilo de vida desenvolvido no contexto contemporâneo.

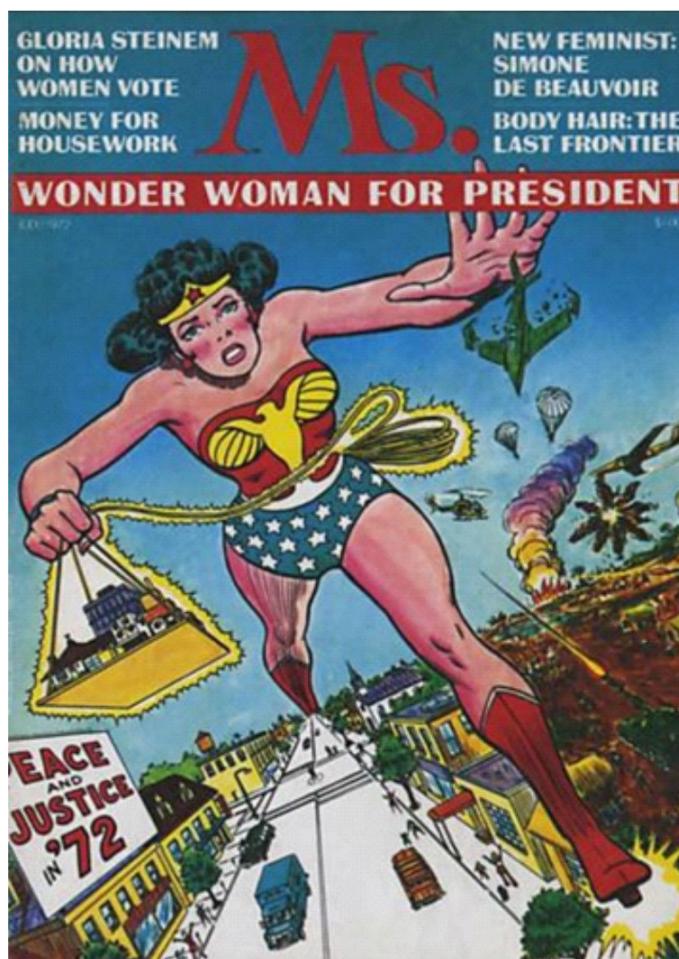
⁵ As obras da Op Art apresentam diferentes figuras geométricas, em preto e branco ou coloridas, combinadas de tal modo que provocam no espectador sensações de movimento.

gama gráfica que incluía Garamonds do século xv com capitulares ornamentais, tipos geométricos simples sem serifa e letras fantasia ou ilustradas (MEGGS e PURVIS, 2009, p. 506).

Em 1972, fundou a revista feminista *Ms.* (figura 17), uma revista feita só por mulheres, na qual Feitler pode expressar suas perspectivas feministas. Para as edições das revistas Feitler não comprava fotos apenas de fotógrafas renomadas, ela também buscava suas fontes nas mulheres do Brooklyn, procurando dar apoio as mulheres menos favorecidas. A revista foi a primeira publicação a trazer a suas leitoras temas como assédio sexual no trabalho, violência doméstica, direito ao aborto e ao planejamento familiar, participação política e igualdade de gênero perante a lei, remuneração justa e homossexualidade.

(...) com a imagem da Mulher Maravilha na capa, suas 300 mil cópias, distribuídas por todos os Estados Unidos, esgotaram-se em oito dias, gerando imediatamente 26 mil assinaturas e recebendo 20 mil cartas de leitores em poucas semanas (STOLARSKY, 2012, p. 134).

Figura 17 – Capa para a revista *Ms.*, Bea Feitler, anos 1960-70.

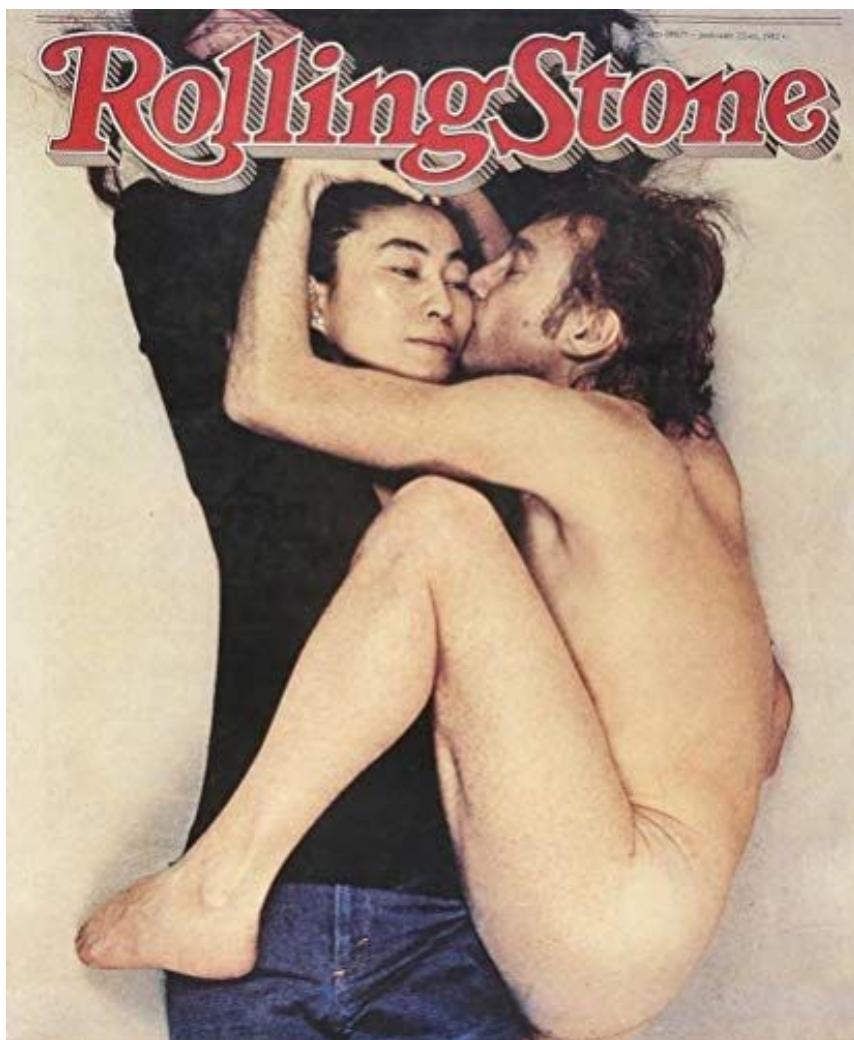


Fonte: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/144/bea-feitler>

Esta revista foi um marco para o movimento feminista e para o feminino na história do design gráfico, pois, segundo Stolarsky (2012) a revista *Ms.* muito contribuiu para reforçar e popularizar o movimento nos Estados Unidos no início dos anos 70, e isso muito se deve ao seu projeto gráfico.

A partir de 1974, atuou em publicações internacionais como o lançamento da revista *Vanity Fair*. A designer também dirigiu a edição icônica da revista *Rolling Stones* (figura 18), em janeiro de 1981, com foto de Annie Leibovitz tirada no dia do assassinato de John Lennon. A capa traz apenas a foto de John e Yoko Ono, sem textos, apenas o logotipo da revista no cabeçalho, como se fosse uma homenagem silenciosa ao músico.

Figura 18 – Capa para a revista *RollingStone*, Bea Feitler ,1981.



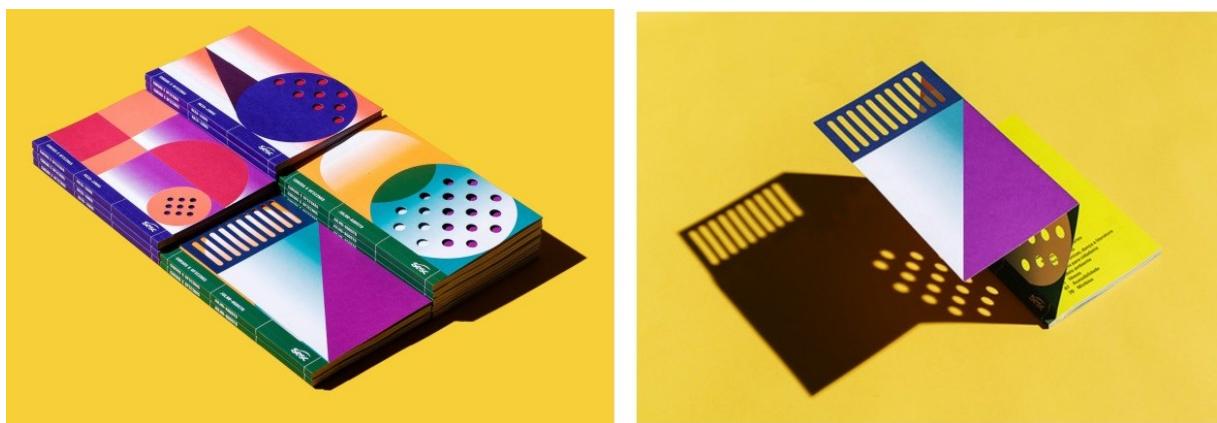
Fonte: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/144/bea-feitler>

Bea Feitler faleceu em abril de 1982, aos 44 anos, vítima de um câncer. Deixou um grande legado para o design gráfico com trabalhos que misturavam experiência e ousadia gráfica.

Tereza Bettinardi

Tereza Bettinardi nasceu em 19 de abril de 1983 em Santa Maria, onde fez sua graduação em Design Gráfico e Jornalismo. Vive em São Paulo desde 2006 e já trabalhou como designer em diversas revistas da Editora Abril, integrou as equipes de design do Máquina Estudio/Kiko Farkas e da Cosac & Naify. Atualmente trabalha em seu próprio estúdio. Foi professora do curso de design editorial da pós-graduação do Istituto Europeo di Design em São Paulo (IED), no curso de especialização em design gráfico da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e atualmente é coordenadora do curso de especialização em design gráfico na Escola Britânica de Artes Criativas & Economia (EBAC).

Figura 19 – Projeto “Cursos e Oficinas, Tereza Bettinardi, Sesc 24 de Maio”, 2019.
A direita detalhe da capa do livro aberta.



Fonte: <https://creativedoc.co/entrevistas/terezabettinardi>

No trabalho acima (figura 19), Tereza desenvolveu para o Serviço Social do Comércio (SESC), um conjunto de cartilhas dos cursos que seriam oferecidos pela instituição. Como os cursos agrangariam uma grande diversidade de temas e formatos, passando por oficinas de serigrafia a palestras abertas sobre LGBT e direitos civis, além de aulas ministradas por indígenas do Brasil.

Bettinardi optou por uso do abstrato e do colorido para representar essa pluralidade. Além disso, ela projetou esses recortes na capa que permitem ver uma

parte do que seria a capa da edição posterior, gerando assim uma ligação entre as edições.

A designer tem um grande portfólio em seu currículo, que vai do desenvolvimento da identidade visual de LP's e CD's, a logotipos e campanhas, mas sua paixão são os livros, ela desenvolve tanto a capa quanto a diagramação da parte interna dos livros. Alguns de seus projetos já foram selecionados nas Bienais de Design Gráfico da ADG, no Museu da Casa Brasileira, na Feira Internacional do Livro de Buenos Aires e pelo Type Directors Club de Nova York.

Figura 20 – Trabalhos desenvolvidos por Tereza Bettinardi.



Fonte: terezabettinardi.com

Em 2020, com o surgimento da pandemia de COVID-19, Tereza Bettinardi criou o Clube do Livro do Designer⁶, com o propósito de criar um ambiente de troca de referências e diálogo entre designers gráficos e interessados, através da leitura de livros relacionados a área.

Uma das dificuldades percebidas logo no início do projeto foi a escassez de livros relacionados a área em português, e o acesso a livros estrangeiros se torna muito mais difícil. Outra constatação foi a baixa quantidade de livros escritos por

⁶ Disponível em: <https://clubedolivro.terezabettinardi.com/>

escritoras e escritores brasileiros e brasileiras. Outro problema percebido pelo clube, foi a escassez bibliográfica de livros que relatem o percurso e as contribuições das mulheres na história do design gráfico.

Diante dessas dificuldades o clube se tornou uma editora que funciona com a participação colaborativa de todos que tiverem condições de contribuir. As pessoas fazem suas colaborações em dinheiro em troca recebem uma recompensa que vão desde livros a outros suvenires. Com essa arrecadação os livros são traduzidos e impressos em português, tornando os livros mais acessíveis.

A editora deseja publicar “*The Natural Enemies of Books: A Messy History of Women in Printing and Typography*” é uma resposta a um ensaio em uma publicação desenhada e impressa por várias mulheres em São Francisco (EUA) em 1937, intitulado *Bookmaking on the distaff side* (algo como *Fazendo livros atrás da roca*, uma referência ao trabalho feminino em tecelagens).

O livro foi editado pelo coletivo feminista MMS (Maryam Fanni, Matilda Flodmark e Sara Kaaman) que desde 2012, pesquisa e escreve sobre cultura visual, design gráfico e historiografia a partir de uma perspectiva feminista. Com isso a editora pretende contribuir para tornar mais acessível o conhecimento da história muitas vezes desconhecida do design gráfico.

4. CARTILHA SOBRE OS DIREITOS DAS MULHERES E COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Como parte do processo para o trabalho de conclusão de curso, achei relevante desenvolver um material educativo onde experenciei a oportunidade de unir os conhecimentos adquiridos no processo de licenciatura em Artes Visuais e minha experiência como designer, sobretudo no que diz respeito ao design social, com grande potência de comunicação agindo em prol de mudanças benéficas para a sociedade.

Entendo que não poderia optar por outro tema se não o da violência doméstica para desenvolver uma cartilha informativa educativa, através da qual pretende-se chegar aos espaços públicos e levar um pouco de conhecimento e informação a essas mulheres que todos os dias sofrem com essas violências, despertando assim um empoderamento feminino capaz de gerar transformações, contribuindo para a construção de relações mais igualitárias. A cartilha é um meio de educação não formal eficaz para transmitir conhecimento, pois, além de tratar do tema proposto com uma linguagem clara e objetiva, também reúne elementos gráficos, diagramação e cores adequados ao público ao qual se propõe alcançar, facilitando assim a comunicação. Ciente das limitações de alcance desse projeto, não se almeja mudar o mundo, mas entende-se que essa seja uma pequena contribuição para uma mudança comportamental. Pois segundo o filósofo e educador brasileiro Paulo Freire, “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Desse modo, é importante refletirmos sobre a importância da educação e do papel do educador nesse processo, o educador precisa encontrar meios que facilitem o acesso ao conhecimento, possibilitando ao educando novas perspectivas.

Sabe-se que a violência doméstica na nossa sociedade, ainda é um assunto que possui um caráter privado, muitas mulheres preferem esconder o que estão passando. Pois ainda vivemos em uma sociedade tolerante perante esse tipo de violência, devido à cultura patriarcal.

Sobre esse assunto o relatório Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, destaca que:

[...] mas, ao mesmo tempo se entraña no cotidiano como prática silenciosa e silenciada. Permeada por sentimentos como medo e culpa, e, não raro,

dificuldade da própria vítima em reconhecer a violência sofrida. Isso pode se explicar, em parte, pelo fato de se tratar de um tipo de violência de certo modo naturalizado e tolerado socialmente, e que costuma ocorrer dentro de casa, na esfera privada. (BUENO *et. al*, 2021, p. 27).

A pesquisa aponta ainda que o fato de a violência ser tolerada socialmente é sem dúvida um dos fatores de maior impedimento dos avanços no combate a violência doméstica.

Essa cartilha de combate à violência doméstica busca desnaturalizar essa tolerância levando informações que possibilitem as mulheres saber dos seus direitos, entender como e onde podem buscar ajuda, assim como esclarecimentos sobre os padrões dos ciclos de violência, mostrando que não estão sozinhas e acima de tudo visando capacitar essas mulheres para que possam enfrentar essa situação.

Em análise a outros materiais similares, constatou-se que em sua maioria as capas das cartilhas traziam rostos de mulheres machucadas ou chorando, o que remete a uma sensação de passividade e inferioridade, passando a ideia de que a mulher não seria capaz de tomar decisões para mudar essa situação.

Para a capa da cartilha desenvolvida pela autora (figura 21), buscou-se trazer uma representação inversa ao normalmente encontrada. As mulheres trazidas para ilustrar a capa, são múltiplas, plurais, mulheres com raça, classe social, religião e orientação sexual diferentes, reforçando o reconhecimento dessa multiplicidade de mulheres.

Também ouve a preocupação por representar estas mulheres em uma aparência ativa, fortalecendo a ideia de mulheres protagonistas de suas próprias histórias, com uma postura reflexiva e crítica diante da sociedade. Para além, apresentam-se como mulheres unidas, abraçadas para reforçar a sororidade e a atitude de empatia no mundo feminino, o reconhecimento do valor de outras mulheres e da união entre elas.

Figura 21 – Capa cartilha.

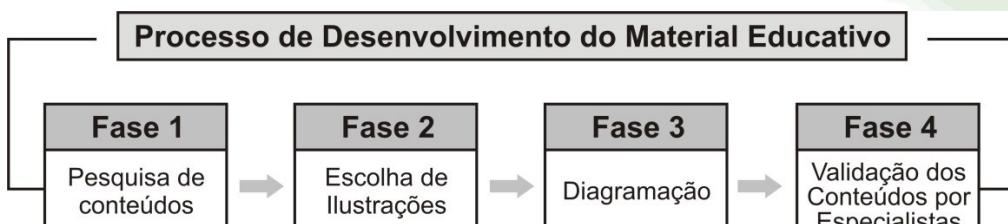


Fonte: Acervo pessoal

O processo de construção da cartilha educativa contou com quatro etapas (figura 22), para o seu desenvolvimento: 1) estudo aprofundado do tema; 2) criação e elaboração das ilustrações; 3) diagramação adequada e 4) análise e validação dos

conteúdos por pessoas especializadas no tema. Todas estas etapas foram seguidas para garantir um material de qualidade.

Figura 22 – Etapas para o desenvolvimento do material educativo.



Fonte: Acervo pessoal

Na pesquisa dos conteúdos a preocupação sempre foi trazer assuntos relevantes e de interesses reais das futuras leitoras para compor o material educativo, pois é imprescindível que os conteúdos sejam confiáveis e com vocabulário claro para facilitar o seu entendimento. Devido a grande quantidade de informações que recebemos, cada vez menos temos paciência na leitura de textos muito longos, por esse motivo, os textos precisam ser diretos e sucintos para prender o leitor, mas, também é preciso cuidado para não pecar na falta de informação e deixar o tema na superficialidade.

No que diz respeitos aos conteúdos, a cartilha foi organizada em três sessões, distribuídas da seguinte forma: para a primeira sessão buscou-se esclarecer a relevância do tema e a importância de se conhecer mais sobre o assunto; o segundo momento foi dedicado à lei Maria da Penha e as diferentes formas como a violência pode se apresentar, além de alguns esclarecimentos sobre os direitos das mulheres vítimas de violência e as consequências para o agressor; enquanto que na última parte, a cartilha reuniu em uma lista informações sobre órgãos responsáveis pelo apoio e acolhimento das vítimas, abrangendo órgãos de responsabilidade federal e do município de Rio Grande.

Sem dúvida, a criação e elaboração das ilustrações são elementos chaves para se produzir um material mais atrativo e de fácil entendimento. E o design se destaca pelo poder de tornar a comunicação mais fácil e direta, utilizando para isso layouts que unem elementos textuais e visuais de modo equilibrado e que visam prender a

atenção do leitor. Deste modo, o design instrucional⁷ colabora para ajudar a pensar sobre os métodos e técnicas que irão auxiliar nos processos de ensino-aprendizagem, sem esse planejamento todo o conteúdo se resumiria a textos. A preocupação de como os conteúdos são apresentados a determinado público, pode favorecer o ensino e tornar a experiência de aprendizagem mais envolvente, tornando a aprendizagem mais fácil, pois segundo a apostila do curso de Design Instrucional do Instituto Brasileiro de Designer Instrucional – IBDIN ressalta que:

Ao compreender que o Design Instrucional é um processo sistemático e reflexivo de traduzir princípios de cognição e aprendizagem para o planejamento de produtos educacionais, podemos afirmar, também, que metodologia de desenvolvimento de materiais didáticos se distingue de métodos tradicionais pelo seu caráter metódico e cuidadoso de análise, planejamento, desenvolvimento e avaliação do treinamento. (IBDIN, 2019, p.4).

O que vem a corroborar a importância do design aplicado aos materiais educativos, pensados e elaborados para facilitar a aprendizagem, não só em instituições de ensino padrões, como também em locais não formais de educação. Auxiliando o arte/educador ou qualquer que seja a área de atuação do educador, no compartilhamento do conteúdo.

A diagramação dos conteúdos, assim como as ilustrações, compõe uma parte fundamental do material. “os designers precisam cuidar para que as escolhas estéticas não acabem provocando falhas de comunicação” (PATER, 2020, p. 43). Esse é um processo onde a criatividade e o conhecimento técnico precisam estar alinhados para que o material alcance com êxito os objetivos para quais foi desenvolvido.

É muito importante que se avalie a tipografia adequada para o trabalho que se propõe, escolher qual ou quais famílias de fontes serão utilizadas para os títulos e para o corpo do texto é fundamental para um trabalho gráfico visualmente interessante e com boa legibilidade, assim como também é importante avaliar como será a distribuição das informações textuais que irão compor o material: centralizado; alinhados à esquerda ou à direita; justificado.

Desta forma, adotamos os princípios básicos do design abordados no livro de Willians (2009), proximidade, alinhamento, repetição e contraste. Conforme indica a

⁷ Design instrucional, Design Educacional ou Projeto Instrucional é o termo comumente usado em português para se referir à engenharia pedagógica e ao desenho do planejamento educacional.

autora: “para que todos os elementos da página tenham uma estética unificada, conectada e inter-relacionada, é preciso que haja “amarras” visuais entre os elementos separados” (WILLIAMS, 2009, p. 48); só assim é possível dar clareza e unificação ao material.

O livro *Políticas do Design* (2020), aborda entre outros temas sobre a história e importância hierárquica que atribuímos ao uso de textos em caixa alta e caixa baixa, para Pater: “as relações de poder entre ideias, posições de poder e relações humanas podem ser julgadas valendo-se da caixa-alta” (PATER, 2020, p. 43).

Com relação a isso o autor também pondera que:

Na época colonial, a raça “Branca” recebia maiúscula e a “negra” era escrita apenas com minúsculas. Títulos como Rei, Lorde, Presidente, Papa e Imperador recebiam caixa-alta, enquanto palavras como camponês, escravo e servo, não. Esses títulos derivam da época em que o poder era hereditário, transmitido para filhos do sexo masculino, mas essas convenções tipográficas são aplicadas até hoje. Vemos o mesmo tipo de discriminação em títulos acadêmicos, em que o poder da letra maiúscula ainda triunfa em títulos como Bacharel, Mestre ou Doutor (Ph.D.). (PATER RUBEN, 2020, p. 96).

Deste modo, o uso de caixa baixa pelos designers tornou-se uma maneira subversiva de quebrar com estes paradigmas da escrita, além é claro, de ser uma forma mais fácil de leitura. O autor cita em seu livro a autora, ativista e feminista bell hooks, que adotou o nome de sua avó e a utiliza em letras minúscula, como uma forma de quebrar o sistema patriarcal da escrita.

Tendo como base tais considerações, para a parte interna da cartilha, ilustrado abaixo (figura 23), optou-se pelo uso de duas fontes, sem serifas, sendo o corpo do texto em caixa baixa, o que torna a leitura mais fácil e menos cansativa visualmente, e para os títulos e subtítulos optou-se por uma fonte negrito, caixa alta, para dar mais destaque aos tópicos que seriam desenvolvidos naquele capítulo.

Figura 23 – Página 7 da cartilha.

FORMAS DE VIOLENCIA PREVISTAS NA LEI MARIA DA PENHA

A Lei Maria da Penha define cinco formas de violência doméstica e familiar contra as mulheres: violência psicológica, violência física, violência sexual, violência patrimonial e violência moral.



VIOLÊNCIA FÍSICA

É aquela entendida como qualquer conduta que ofenda integridade ou a saúde corporal da mulher. É praticada com uso de força física do agressor/agressora ou ainda com o uso de armas, é a violência que deixa marcas no corpo, machuca a vítima de várias maneiras, são exemplos: bater, empurrar, morder, puxar o cabelo, estrangular, chutar, queimar, cortar e mutilar.



VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima da mulher, acontecem de forma continuada afetando a saúde mental da mulher, nesse tipo de violência é muito comum tentar fazer com que a mulher pareça louca, seja proibida de trabalhar, estudar, sair de casa, ou viajar, falar com amigos ou parentes; exemplos: ameaças, humilhações, chantagens, críticas, isolamento dos amigos e da família.



VIOLÊNCIA SEXUAL

A violência sexual é qualquer conduta que constranja a mulher a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, são exemplos ser forçada a fazer sexo quando está

Outro elemento importante na realização da arte foi a escolha das cores, pois para a autora Eva Heller, em seu livro a *Psicologia das Cores* (2012), as cores são componentes importantes no processo de comunicação, compõe uma parte de grande influência, pois interagem diretamente com o nosso cérebro, que as transformam em

sensações, capazes de impulsionar o nosso comportamento, interferindo diretamente nos nossos sentidos, emoções e decisões.

As cores escolhidas para a produção do material foram predominantemente o branco, violeta e verde. O verde é uma cor associada a relaxamento, a confiança e a calma. O violeta ou roxo estimulam a criatividade e as novas ideias, já o branco por ser uma cor pura está associada à paz, a pureza e a recomeços.

Mas, para além destes significados já conhecidos no senso comum, as cores utilizadas nesse trabalho trazem uma representação histórica, pois nos transporta para o início do movimento feminista, com a luta pelo direito ao voto das mulheres, em 1870, na Inglaterra. Primeiras ativistas do feminismo no século XIX, essas mulheres ficaram conhecidas como as "suffragettes"⁸ (em português, sufragistas) e em 1908, o uso destas três cores tornou-se o símbolo do movimento, usado tanto nos emblemas, em cartazes, adereços e na cor das roupas que vestiam.

O violeta, como cor dos soberanos, simboliza o sangue real que corre pelas veias de cada mulher que luta pelo direito ao voto, simboliza sua consciência da liberdade e da dignidade. O branco simboliza a honestidade na vida privada e na política. O verde simboliza a esperança de um recomeço. (HELLER, 2012, p. 379)

Figura 24 - Emblema das sufragistas de 1908. A cor púrpura inglesa simboliza liberdade e dignidade.



Fonte: *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. Eva Heller, 2012.

⁸ Mulheres que integravam o movimento sufragista que reivindicou os direitos políticos para as mulheres, mais especificamente, o direito de votar e de ser votada. Surgiu na Inglaterra, no século XIX, e alcançou o mundo no século XX, período em que a reivindicação foi atendida pela maioria dos países.

O pôster abaixo (figura 25), nas cores do movimento verde, branco e roxo, é um exemplo de material desenvolvido pelas sufragistas em campanha as suas lutas. Criado pela artista Hilda Mary Dallas (1878-1958), britânica que se juntou ao Suffrage Atelier, um grupo de artistas que faziam uso das artes visuais para desenvolver cartazes, pôsteres e outros materiais de apoio ao movimento.

Figura 25 - Pôster Votos para mulheres, desenhado por Hilda Dallas, 1909.



Fonte: <https://www.imagininghistory.co.uk/post/suffragettes-an-introduction-for-ks2>

Desta maneira, é possível perceber que já nessa época o design assumia um papel social e político engajado com as causas relevantes para as mudanças de comportamento social.

Em 1970, o violeta voltou a representar a luta dos movimentos feministas, que lutavam por objetivos até hoje não alcançados, como o direito ao aborto e a igualdade

salarial. O emblema utilizado era representado pelo símbolo astrológico de vênus com uma mão fechada em seu interior.

Figura 26 - Emblema do feminismo por volta de 1970. Aqui o violeta simboliza a ligação entre o masculino e o feminino.



Fonte: *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. Eva Heller, 2012.

A cartilha foi enviada para pessoas especialistas no assunto sobre os direitos das mulheres e violência doméstica⁹, a fim de que o conteúdo fosse analisado para garantir a qualidade das informações.

Para a realização da arte final da cartilha, foi utilizado o programa Corel Draw, e seu formato em tamanho A5 (148x210mm) foi desenvolvido para diminuir os custos, caso haja uma possibilidade futura de impressão e distribuição do material físico.

Por hora, a cartilha será divulgada de modo digital, utilizando-se dos meios de interação com as redes sociais mais populares, como o *Instagram* e *Facebook*, visto que hoje em dia as redes sociais possibilitam que se alcance um grande número de pessoas, tornando-se assim um importante instrumento de compartilhamento de informações. Servindo, portanto, como um poderoso meio de ensino, capacitando e

⁹ Os conteúdos foram analisados pela Simone Grohs Freire, servidora da Coordenação de Ações Afirmativas, Inclusão e Diversidades (CAID/ FURG) e contou com a mediação de Débora Medeiros, Diretora de Arte e Cultura (DAC/PROEXC/FURG).

instruindo determinados grupos ou pessoas, para que esses possam absorver conhecimentos que venham a colaborar para o seu desenvolvimento e cuidado individual e consequentemente contribuindo também coletivamente para uma melhora significativa de vida e bem-estar social.

Além disso, a internet possibilita aos usuários o acesso fácil a assuntos de seu interesse em um ambiente mais informal e interativo e com a vantagem do anonimato.

A cartilha também foi apresentada em uma *live* realizada no dia dez de outubro de 2022, pela plataforma do *Youtube* FURG, em alusão ao dia de combate à violência à mulher, ficando disponível para acesso no site da Coordenação de Ações Afirmativas, Inclusão e Diversidade (CAID-FURG), assim como estará disponível no site de repositórios institucional da FURG.

No que diz respeito à violência doméstica, este caráter da internet com certeza é um ganho, pois sem precisar se expor, muitas mulheres têm acesso a informações importantes, sem o medo e vergonha de julgamentos de terceiros, o que em muitos casos faz com que as agressões sejam mantidas em segredo. Pois não são raras às vezes em que se julgam culpadas pela situação em que se encontram.

Com o intuito de desnaturalizar e despertar um novo olhar sobre a violência doméstica, é que a *Cartilha sobre os direitos das mulheres e combate à violência doméstica* foi pensada e desenvolvida.

Pois, é possível percebermos situações em que a mulher não consegue se enxergar dentro deste ciclo de violência, julgando fazer parte do relacionamento as situações abusivas vivenciadas; outras vezes, percebe que se encontra nessa situação, mas não possui conhecimentos suficientes que lhe permitam agir e sair dessa relação abusiva.

É a partir desse olhar que a cartilha pretende chegar as mulheres vítimas de violência doméstica, estabelecendo um primeiro contato e tentando dialogar com esse público carente de escuta, atenção e acolhimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, buscou-se fazer uma reflexão sobre as violências que envolvem o viver feminino, sobretudo no que diz respeito a violência doméstica, apresentando através de pesquisas bibliográficas dados que evidenciem essa prática no nosso dia a dia. O trabalho também se propôs trazer fundamentações teóricas e práticas que ressaltam a importância do design gráfico como importante ferramenta social, além de elaborar um resgate a respeito da participação das mulheres na história do design, evidenciando aquelas que fizeram uso do seu trabalho para levantar questões feministas.

Sendo assim, avalio que o trabalho atingiu os objetivos, pois no que se refere as violências, foi possível reunir dados que mostram o quanto as mulheres ainda sofrem e o quanto é relevante se trazer esse assunto para se dialogar com a sociedade sobre a desnaturalização da violência doméstica.

No que diz respeito a pesquisa bibliográfica, sobre a participação das mulheres na história do design, podemos afirmar que não foi uma tarefa fácil, para encontrar dentre tantos nomes masculinos representações femininas, foi preciso muita leitura e pesquisa. Entendo que, esse foi um momento muito enriquecedor para meu próprio crescimento como educadora em formação, e que agora me proporciona a oportunidade de partilha do trabalho com outras pessoas que venham a ter interesse pelo assunto, quem sabe até incentivando outras mulheres em suas carreiras.

Já com relação a cartilha educativa, os objetivos não se dão por todo concluídos, pois, a cartilha foi lançada internamente na FURG, mas até a finalização dessa monografia o trabalho ainda não havia sido compartilhado nas redes sociais, o que não permite uma avaliação da eficácia e aceitação do material por parte das pessoas interessadas. Mas no decorrer do trabalho, me surgiu muitas dúvidas se essa teria sido uma escolha assertiva de material, penso que poderiam existir outras tantas possibilidades mais diretas, como cartazes em paradas de ônibus, ou até mesmo cards com publicações específicas nas redes sociais.

Mas entendo que este não é um trabalho que se finda por aqui, muito pelo contrário, é apenas um começo cheio de possibilidades e desdobramentos.

REFERÊNCIAS:

- BARBOSA, A. M. Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação, In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. **Anais [...]** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 572- 581.
- BEAUVOIR, S. D. (1949). **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
- BRASIL. Lei n° 11.340, de 7 de agosto de 2006. Brasília: **Diário oficial**, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 08 jun. 2021.
- BUENO, S. B.; MARTINS, J.; PIMENTEL, A.; LAGRECA, A.; BARROS, B.; LIMA, R. **S. Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. São Paulo: DATAFOLHA e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021. Disponível em <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2021.
- BUENO, S.; LIMA, R. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: FBSP, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/02/anuario-2020-final-100221.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2021.
- CARDOSO, R. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- _____. **O Design Brasileiro Antes do Design: aspectos da história gráfica 1870 - 1960**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- _____. **Uma Introdução À História do Design**. São Paulo: Edgard Blucher, 2008.
- CINEAD LECAV. Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Entrevista Abecedário de Arte e Educação com Ana Mae Barbosa. **YouTube**, 07 de agosto de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Y8fYEjPDs5Q>. Acesso em: 12/10/2021
- ESKILSON, S. **Graphic design a new history**. Londres: Laurence King, 2007.
- SCOREL, A. L. **O Efeito Multiplicador Do Design**. São Paulo: SENAC, 2000.
- FERREIRA MAINART, C.; LOPES SILVA, E. C. Mulheres e pandemia: breves reflexões sobre o recrudescimento da violência doméstica no Brasil durante as medidas de isolamento social. **Revista Transgressões**, v. 9, n. 1, p. 138-151, 22 ago. 2021.
- HELLER, E. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2012.
- HETZEL, A. D. **Mulheres no Design Gráfico: O Passado e o Presente – Uma análise comparada entre Brasil e Portugal**. 2016. 111f. Dissertação (Mestrado em

Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas). – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/33865?mode=full>. Acesso em: 18 ago. 2021.

HOLLIS, R. **Design Gráfico**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HOOKS, b. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: Ana Luiza Libâneo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DESENHO INSTRUCIONAL. **Apostila do curso de Desenho Instrucional**. Brasil: IBDIN, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2019**. Brasil: IBGE, 2019. Disponível em <https://censo2022.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens.html>. Acesso em: 15 set. 2021.

LUPTON, E.; MILLER, A. **ABC da Bauhaus**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MARGOLIN, V.; MARGOLIN, S. Um modelo social de design: questões de prática e pesquisa. **Revista Design em Foco**, v. 1, p. 43–48, 2004.

MEGGS, P. B.; PURVIS, A. W. **História do design gráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MONDO, A. Alunos do CEC Natal fazem atividades em alusão à Lei Maria da Penha. **Instituto Santos Dumont** (ISD), 2017. Disponível em <http://www.institutosantosdumont.org.br/2017/08/22/alunos-do-cec-natal-fazem-atividades-em-alusao-lei-maria-da-penha/> - Acesso em: 20/08/2021.

PATER, R. **Políticas do design**. Tradução: Antônio Xerxenesky. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

PAPANEK, V. **Design for the real world: human ecology and social change**. New York: Pantheon Book, 1971.

RIBEIRO, A. **O preconceito contra mulheres na história. 2009**. Disponível em <http://www.overmundo.com.br/banco/o-preconceito-contra-as-mulheres-na-historia>. Acesso em: 04 nov. 2021.

ROCHA, C. A. **Ilustração Crítica e o Engajamento Social no Design Gráfico**. Goiás: UFG, 2021.

SANEMATSU, M.; PRADO, D. (Coord.). Dossiê Violência Contra as Mulheres. **Instituto Patrícia Galvão**, 2015. Disponível em <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/cultura-e-raizes-da-violencia/#:~:text=%E2%80%9CN%C3%A3o%20%C3%A9%20a%20viol%C3%AAnia%20que,a%20pr%C3%A1tica%20violent%C3%A3o%20ou%C3%A3o.%E2%80%9D>. Acesso em: 22 out. 2021.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA. **Indicadores da Violência Contra a Mulher - geral e por município**. Porto Alegre: SSP, 2021. Disponível em

<https://www.ssp.rs.gov.br/indicadores-da-violencia-contra-a-mulher>. Acesso: 06 jun. 2022.

SOUZA, B. **Vamos juntas? O guia da sororidade para todas.** Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

STOLARSKI, A. **Alexandre Wollner e a formação do design moderno no Brasil.** São Paulo: Cosac Naify, 2005.

WILLIAMS, R. **Design para quem não é designer: Noções básicas de planejamento visual.** São Paulo: Callis Edições, 2009.

WHITESON, L. Uma mulher de design com ideias radicais: April Greiman diz que seu estilo gráfico é “um experimento na criação de ‘imagens híbridas’”. **LOS ANGELES TIME, 1988.** Disponível em <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1988-10-09-ca-5241-story.html> - Acesso em: 19 out. 2022.